



AFLUENTE: REVISTA DE
LETRAS E LINGUÍSTICA

ISSN 2525-3441

Alcenir de Sousa Luz

Universidade Federal do Piauí

orcid.org/0000-0001-5780-1341

alcenirluz@hotmail.com

*Maria Auxiliadora Ferreira Li-
ma*

Universidade Federal do Piauí

orcid.org/0000-0001-9831-5075

dora.fl@uol.com.br

A construção do valor aspectual na marca Sempre sob o enfoque da teoria das opera- ções predicativas e enunciativas

RESUMO: É forte a tradição dos estudos gramaticais que, ao abordar a marca sempre, classifica esse elemento como advérbio de tempo que expressa, normalmente, um valor genérico, no sentido de em todo o tempo, e não trata do valor aspectual. Se assim for classificado, o que se pode dizer sobre os casos em que essa marca exprime a ideia de frequência ou afirmação, por exemplo? Diante dessa realidade, passou-se a refletir acerca de duas questões: qual a abordagem das gramáticas sobre a marca sempre? Qual a contribuição da marca sempre no processo de construção dos valores referenciais? Para responder a essas questões, propõe-se a investigar o modo como as gramáticas concebem o elemento em estudo e analisar o funcionamento aspectual da marca sempre em enunciados do português, fundamentando-se nos pressupostos da Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas (TOPE). Para isso, investiga-se como sempre é tratado em sete gramáticas da Língua Portuguesa e, em seguida, analisa-se vinte enunciados, coletados do Corpus do Português e do Google. Os resultados obtidos evidenciaram que a marca sempre pode indicar diferentes instantes temporais, caráter permanente ou não permanente de uma propriedade atribuída, agir como qualificador, entre outros valores, tendo em vista que esses valores dependem da relação de localização que sempre estabelece com as demais unidades do enunciado.

Palavras-chave: Sempre; Valores aspecto-temporais; TOPE.



INTRODUÇÃO

Considerando a experiência que temos, primeiramente como estudantes secundaristas e depois como professores de Língua Portuguesa, identificamos que a marca *sempre* é, geralmente, abordada pelas gramáticas como um advérbio de tempo que expressa construções genéricas, com sentido de *em todo o tempo*, de modo que toda a atenção recai sobre o tempo gramatical, devido a nossa língua organizar o sistema verbal em torno do eixo temporal (passado, presente e futuro), localizando o enunciador em relação ao momento da enunciação (CAMPOS, 1997, p. 11). Com isso, fatores como tempo semântico e aspecto são desprivilegiados. Porém, o uso da língua nos leva a algumas ocorrências que desconstroem essa preponderância do tempo, bem como a ideia de tempo com valor genérico. No enunciado, *No almoço, João come sempre duas bananas*, a marca *sempre* recai sobre a quantidade; e *no almoço*, constrói o caráter habitual com que João come bananas. Em uma glosa, teríamos: *todo dia, no almoço, João tem o costume de comer bananas e não é apenas uma, são duas*.

Assim evidenciamos que a questão não é tão simples como se coloca; não se trata apenas de classificar a marca *sempre* como um advérbio que expressa a ideia de *em todos os momentos*. Essa unidade pode colaborar para a construção de inúmeros valores referenciais. Quando dizemos *X está doente*, constrói-se uma representação diferente de quando dizemos *X está sempre doente*. Então, é a partir dessas inquietações que nos propomos a responder as seguintes questões: qual a abordagem das gramáticas sobre a marca *sempre*? Qual a contribuição da marca *sempre* no processo de construção dos valores referenciais? Para responder a essas questões, almejamos investigar o modo como as gramáticas concebem o elemento em estudo e analisar o funcionamento aspectual da marca *sempre* em enunciados do português.

Esses dois objetivos delineiam os aspectos metodológicos do trabalho que, em um primeiro momento está voltado para a análise de 7 gramáticas, constituindo uma pesquisa de cunho bibliográfico; e, em um segundo momento, dedicamo-nos a analisar 20 enunciados, coletados do Corpus do Portuguêsⁱ e do Google.



Entendemos enunciado, simultaneamente, como "objecto empírico, porque directamente observável, e objecto construído pela teoria, porque parcialmente dependente em relação ao ponto de vista do observador e analista" (CAMPOS, 1997, p. 21-22). Logo, esse segundo momento representa uma fase em que nos deslocamos do empírico para o formal, isto é, partimos da análise dos observáveis (os dados) para a aplicação do constructo teórico, do aparato formal, pois somente uma construção teórica nos permite argumentar sobre o empírico (CULIOLI, 1990, p. 23-24).

Para apresentar com maior clareza essas fases da pesquisa, organizamos este trabalho do seguinte modo: na seção 2, trazemos uma reflexão sobre as categorias de tempo e aspecto pelo viés de alguns teóricos, com o intuito de apresentar ao leitor, ainda que brevemente, os parâmetros metalinguísticos que nos propomos a estudar; na seção 3, demonstramos a visão de algumas gramáticas sobre a marca *sempre*, que é nosso objeto de estudo; e na seção 4, partimos para a análise e discussão dos dados, dos enunciados, abordando como a marca *sempre* constrói os valores aspecto-temporais, pois "é tarefa do linguista ir além do domínio do imediatamente observável e tentar descrever os processos de produção" (CAMPOS, 1997, p. 21).

Acreditamos que abordar a linguagem em funcionamento, dando mais plasticidade às formas, contribui para que possamos compreender a produção da significação a partir de marcas linguísticas. Nesse sentido, esta pesquisa poderá fornecer subsídios para o desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem da língua portuguesa no que se refere ao trabalho com a gramática, ao passo que esse ensino precisa ser ressignificado, isto é, precisamos apresentar as marcas linguísticas como elementos capazes de significar e não apenas como receptores de rótulos que devem ser memorizados.

DIFERENTES VISÕES SOBRE TEMPO E ASPECTO

Começamos com dois enunciados para abordarmos um pouco sobre o tempo gramatical:

1. *Pedi ajuda a meu pai.*



2. *Sempre pedi ajuda a meu pai.*

Nos dois enunciados, o verbo, no passado, é o mesmo (pedi), porém, não há o mesmo sentido. No primeiro caso, o processo é pontual, resultativo; já em 2, o *sempre* junto ao verbo expressa algo rotineiro, que ocorre constantemente e adquire valor de hábito. Assim, identificamos que o tempo gramatical, por si só, não se encarrega de manifestar todas as relações de tempo; e que marcas como *sempre* revelam o valor aspectual dos enunciados, o que significa que essa função não é exclusiva dos verbos. Sobre isso, Vargas (2011) destaca:

as formas verbais são acompanhadas dos chamados termos acessórios das orações, especialmente dos adjuntos circunstanciais de tempo, modo, intensidade, proporção etc., que acrescentam nuances de movimento ou de 'aspecto' e contribuem, assim, em grande medida, para a formação dos sentidos dos enunciados (VARGAS, 2011, p. 18).

Esses adjuntos circunstanciais, assim nomeados por Vargas (2011, p. 18), são tratados por Campos (1997, p. 12) como operadores suplementares, sejam eles de tempo, modo, entre outros, que podem aparecer em relação intra ou interpreposicional com o marcador verbal, a exemplo de: *todos os dias, até hoje, às vezes, quando*, etc. Além desses operadores, Campos (1997, p. 12) afirma que o aspecto também pode se manifestar através do sistema gramatical e do léxico. O primeiro caso, segundo a autora, corresponde aos tempos gramaticais; e o segundo caso envolve os próprios lexemas verbais (*chegar* em oposição a *caminhar*) e determinadas perífrases verbais (estar a + infinitivo, estar + particípio passado). Por isso, compreendemos que tempo e aspecto devem ser entendidos como processos de formação de sentidos e que o valor temporal de um enunciado não é construído apenas pelo verbo. Entretanto, é notório que o aspecto, quando é abordado pelas gramáticas, fica restrito ao elemento verbo, não se estendendo aos elementos circunstanciais, que são estudados como Advérbios.

Conforme Vargas (2011, p. 19), os manuais de linguística histórica e de gramática comparada das línguas clássicas e indo-europeias apresentam três aspectos básicos que estariam envolvidos no processo verbal, que são: durativo (o processo é visto em seu caráter dinâmico e progressivo), pontual (o processo é visto em si mesmo,

sem qualquer consideração com sua duração) e resultativo (processo já realizado ou com resultado adquirido; ação consumada).



Castilho (1968, p. 20) enfatiza que a atenção aos estudos sobre aspecto não é algo recente, pois o gramático latino Varrão, no século I a.C., já parecia levar em conta o aspecto quando falou em *tempora injecta* e *tempora perfecta*, em seu livro *De Língua Latina* (IX, 96). Por isso o autor compreende que "deve ser o aspecto a categoria verbal mais antiga, quer por expressar uma ideia mais concreta e objetiva que a do tempo, quer, e principalmente, por estar mais essencialmente ligado à noção de processo" (CASTILHO, 1968, p. 15).

Neste estudo de 1968, intitulado *Introdução ao estudo do aspecto verbal na língua portuguesa*, Castilho se dedica a investigar o sistema aspectual português e as vertentes da noção de aspecto. Para isso, aponta elementos geradores de tal noção, a saber: o semantema, a flexão temporal, o adjunto adverbial e o tipo oracional. Considerando nosso objetivo neste estudo, voltamo-nos mais especificamente para as abordagens de Castilho (1968, p. 14) sobre tempo, aspecto e – no que se refere aos elementos geradores do aspecto – o adjunto adverbial.

Segundo Castilho (1968, p. 14), "o aspecto é a visão objetiva da relação entre o processo e o estado expressos pelo verbo e a ideia de duração ou desenvolvimento. É pois, a representação espacial do processo". A partir disso, o autor propõe uma classificação:

Se ação verbal indica uma duração, temos o **aspecto imperfectivo**; se uma ação cumprida, contrária à noção de duração, o **aspecto perfectivo**; se uma ação repetida, o **aspecto iterativo**; se nada disso, vestindo-se o verbo de um tom virtual, indiferente à atualização por qualquer categoria (e no caso interessa-nos a ausência da categoria aspectual), teremos o **aspecto indeterminado** (CASTILHO, 1968, p. 14, grifo nosso).

Outra classificação que podemos citar é a de Bechara (2009, p. 212), referenciando Jakobson, em que destaca: o aspecto, "segundo Jakobson, assinala a ação levada até o fim, isto é, como conclusa (perfeita) ou inconclusa (imperfeita)". A partir dessas duas categorias, surgem algumas subdivisões, tais quais: durativa, iterativa, habitual, incoativa



(inceptiva ou ingressiva), iminencial e terminativa (BECHARA, 2009, p. 212).

Sobre a categoria do tempo, Castilho (1968, p. 15) pontua que o tempo localiza o processo num dado momento, servindo-se de pontos de referência ao próprio falante, ao momento em que se desenrola outro processo e ao momento em que idealmente se situa o falante, que pode ser deslocado para o passado ou para o futuro. Sendo que,

o desvio do ponto de referência faz oscilar todo o sistema [...] e temos assim os tempos absolutos (primeira hipótese: presente, passado, futuro), os tempos relativos (segunda hipótese: imperfeito, mais-que-perfeito, futuro e perfeito do subjuntivo, futuro perfeito) e os tempos históricos (terceira hipótese), em que o sujeito se inclui na história (CASTILHO, 1968, p. 15).

Acerca desse tempo linguístico, Benveniste (2006, p. 75) enfatiza que, na verdade, só existe o presente, já que o passado e o futuro são localizados em relação a ele. Atentemo-nos às palavras do autor: "na realidade a linguagem não dispõe senão de uma única expressão temporal, o presente [...]. Os tempos não-presente [...], a saber, passado e futuro [...] [são] pontos vistos para trás ou para frente *a partir do presente*" (BENVENISTE, 2006, p. 75, grifo do autor). Quando pensamos o tempo "para frente", Corôa (2005) ressalta que temos um tempo incerto, suposto, tendo em que vista que "no futuro, não se pode negar algo tão categoricamente como se pode no passado, pois o próprio futuro é apenas uma possibilidade" (CORÔA, 2005, p. 55).

No que concerne aos elementos geradores da noção de aspecto, Castilho (1968, p. 113) menciona que há adjuntos adverbiais que exprimem aspecto que são indicadores de tempo, seja "tempo extenso, tempo graduado, subtaneidade, repetição, mas sempre tempo". No caso do "sempre", o autor compreende essa marca como representativa do aspecto iterativo, aquele que indica ação repetida (repetição).

Comparando o tempo e o aspecto, Castilho (1968, p. 115) ressalta que há pontos de contato entre os dois, a exemplo do fato dessas categorias não serem "exclusivas, coexistindo na mesma forma; assim, 'dizia' tanto pode indicar tempo passado quando aspecto durativo". Ao tratar desse quesito, Corôa (2005, p. 75) também conclui que: tempo e aspecto são categorias distintas, mas não opostas; e são apoiadas

na noção de tempo, sendo que “uma associa o evento, como um todo, ao momento em que é enunciado [...]; outra leva em consideração o tempo inerente ao evento, o tempo necessário ao seu desenvolvimento”. Dessa forma, “a interpretação aspectual tem seu lugar na interpretação temporal”.



Além disso, não podemos deixar de considerar o aspecto como um processo modal, como enfatiza Vargas (2011, p. 35, grifo da autora): “os aspectos são processos lógico modais por excelência e que o chamado **fenômeno da aspectualidade** está, sem dúvida, ligado a tudo que envolve o sujeito/enunciador na prática da linguagem”. Considerando essa noção, podemos refletir sobre a seguinte frase de Paulo Autran: “Sou apenas um homem de teatro. Sempre fui e sempre serei um homem de teatro”. Aqui ficam bem nítidas as marcas que o enunciador utilizou para demonstrar a sua eternidade enquanto “homem de teatro”. O verbo em tempos distintos – *sou, fui e serei* – ao lado da marca *sempre*, expressam que ser esse homem não é um fato passado; é algo que se perpetua hoje (sou) e pela imortalidade (sempre serei). Assim, notamos que o enunciador modaliza seu discurso e, ao mesmo tempo, imprime um aspecto durativo, sem intervalos temporais.

72

Até aqui demonstramos diferentes visões acerca das noções de tempo e aspecto. Pelo viés da TOPE, corrente teórica a que nos filiamos, consideramos que tempo e aspecto são indissociáveis. Nesse sentido, em nossas análises, iremos trabalhar com instantes temporais e observar como o valor aspectual de *sempre* é construído nos enunciados. Para isso, reafirmamos um dos princípios culiolianos de que não há objeto isolado; isso significa que todo objeto, seja ele primitivo ou construído, é posto em relação a outro; todo elemento é orientado em relação a uma Sit (S, T), uma situação enunciativa, em que “com S, distinguimos enunciador e locutor; com T, trabalhamos sobre o espaço-tempo e, em particular, sobre a classe ordenada de instantes” (CULIOLI, 1990, p. 116, tradução nossa)ⁱⁱ. A Sit “não remete para uma situação empírica, mas para uma situação abstrata. Trata-se de um parâmetro metalinguístico que está na base de toda a representação” (CAMPOS, 1997, p. 23). Em torno de uma Sit,



organizam-se outras coordenadas enunciativas, como Sit₁, Sit₂, etc.

Neste estudo, interessa-nos a construção dos valores referenciais do *sempre*. Dentro desse sistema referencial, apoiamo-nos nos parâmetros metalinguísticos enunciativos Sujeito enunciador origem (S₀) e tempo da enunciação de origem (T₀), em relação aos quais sujeito e tempo do enunciado são localizados.

A VISÃO DE ALGUMAS GRAMÁTICAS SOBRE A MARCA *SEMPRE*

A marca *sempre*, normalmente, aparece nas gramáticas na seção que aborda os termos classificados como Advérbios. Diante dessa evidência, propomo-nos a demonstrar um levantamento feito sobre a unidade lexical *sempre* em algumas gramáticas, apontando como a marca é vista e, ao mesmo tempo, discutindo alguns posicionamentos. Acompanhemos:

Perini (2005, p. 340) faz uma reflexão sobre a classificação dos Advérbios e critica a tradição gramatical por tentar estabelecer uma classe que compreenda os elementos assim nomeados, tendo em vista que, segundo o autor, a definição que se atribui aos advérbios é inadequada, começando pela noção de “modificação”, que pode ser interpretada tanto pelo viés semântico, quanto pelo viés sintático. O autor menciona que,

Semanticamente, “modificação” significa que um advérbio teria seu significado amalgamado ao de um outro elemento, formando um todo semanticamente integrado; assim, digamos, *corremos* exprime uma ação, e *corremos depressa* exprime a mesma ação, acrescida de algum ingrediente de significado. Tanto *corremos* quanto *corremos depressa* seriam unidades no plano semântico. Essa observação [...] não nos ajudará a caracterizar o “advérbio”, porque se aplica a outras classes. Assim, *comi* é uma ação, e *comi uma peixada* é a mesma ação, acrescida de um ingrediente semântico que a especifica melhor. Sintaticamente, a noção de “modificação” parece referir-se à ocorrência conjunta dentro de um constituinte: o que se chama em sintaxe **estar em construção com**. Desse modo, *corremos depressa* forma um constituinte (*corremos* está em construção com *depressa*). Isso, por si só, não é suficiente para definir o “advérbio”, porque é claro que *comi* e *uma peixada* também estão em construção em *comi uma peixada*. Se definíssemos o advérbio como o elemento que ocorre em construção com um verbo, *uma peixada* teria de ser um constituinte adverbial (PERINI, 2005, p. 342-343, grifos do autor).

Diante do exposto, Perini (2005, p. 342) conclui que o que caracteriza um advérbio são as diferentes funções que

desempenham quando estão em construção com o verbo. Assim, com o nome de Advérbio, estão envolvidas inúmeras classes. Por esse ângulo, já podemos presumir – mas também foi possível constatar – que o autor não faz uma classificação dos advérbios por grupos a partir das circunstâncias que expressam ou mediante outro critério, logo, não há um enfoque específico para a marca *sempre*.



Refletindo sobre a formulação de que o Advérbio funciona como um modificador de verbo, um adjetivo ou outro advérbio, como as gramáticas tradicionais postulam, Perini (2005) faz, mesmo que indiretamente e com outra pretensão, aquilo que, pelo viés da TOPE, propomo-nos a fazer, que é exatamente romper com as classificações e as categorizações previamente estabelecidas das unidades da língua. Essas unidades variam à medida que se relacionam com outras unidades presentes no enunciado, ou seja, as marcas constroem funcionamentos diferentes em diferentes cotextos.

Pensemos sobre essa noção de modificador por meio do enunciado *Ontem estivemos numa reunião de trabalho* (retirado do Google). O verbo no passado (*estivemos*) atua como um delimitador de tempo, isto é, não podemos pensar que a reunião está acontecendo ou está agendada para acontecer. *Ontem* funciona como um marcador preciso de tempo, estabilizando em que momento do passado ocorreu a reunião; temos uma marca responsável por individualizar a ocorrência (*a reunião de ontem*), mas essa marca não *modifica* o verbo, pois o papel de modificador implicaria alteração de sentido do verbo, o que não ocorre. Tanto é que se trocarmos *ontem* por *hoje* (*Hoje estivemos numa reunião de trabalho*) o verbo continua sem sofrer nenhuma modificação. O que ocorre com essa mudança é que, a partir do tempo verbal (passado – *estivemos*), o co-enunciador dispõe de marcas para compreender que a reunião se passou em um momento anterior ao momento da enunciação, porém, esse momento faz parte do dia atual (*hoje*). Em uma glosa, podemos ter: *Hoje, mais cedo, estivemos numa reunião de trabalho*. Em suma, as marcas *ontem/hoje* não modificam o verbo. O verbo continua expressando o mesmo evento. As marcas

ontem/hoje qualificam, especificam o momento expresso pela unidade verbal.



Com outro tipo de abordagem, Neves (2011) apresenta uma classificação bem ampla dos advérbios, distribuindo-os em subclasses a partir de critérios morfológicos, sintáticos, semânticos, entre outros. Nesse apanhado, aborda traços semânticos e aspectuais dos advérbios de tempo mostrando que

tais advérbios indicam, como o próprio nome sugere, circunstâncias de tempo, entre as quais podemos citar as circunstâncias de situação, que correspondem à pergunta *quando?*, abarcando a marca *sempre*. Ao perguntarmos *quando*, o *sempre* responde *em todos os momentos*, sendo que esses momentos não se referem ao momento da enunciação, por isso, advérbios como esse são chamados de não fóricos. A autora exemplifica: *Toda nossa segurança virá sempre da lei.* (NEVES, 2011, p. 268, grifo nosso).

Partindo do exemplo dado pela própria autora, queremos discutir a ideia de que *sempre* expressa circunstância de situação e responde à pergunta *quando*. Antes de discutir o exemplo, vale ressaltar que “descobrir” o sentido de uma unidade lexical por meio de uma pergunta fixa (*quando?*) enrijece as formas, como se o valor das unidades fosse uma via única, que para cada pergunta houvesse uma resposta pronta. Passemos ao exemplo de Neves (2011, p. 268):

1. *Toda nossa segurança virá sempre da lei.*

Manipulando o enunciado, podemos acrescentar elementos à direita e obter, por exemplo:

2. *Toda nossa segurança virá da lei e das mãos dos homens.*

Comparando os dois enunciados, notamos que, em 1, *sempre* qualifica a *lei* como a única responsável pela *segurança*. O sujeito acredita veementemente na *lei*, de modo que não precisa recorrer a nenhuma outra instância para obter segurança. *Sempre* não marca uma questão de tempo (contar com a lei hoje, amanhã, etc.), que se responde à *quando?*, é uma questão de poder contar *somente* com a lei, que é posta como suficiente. Elaborando uma glosa, podemos ter: *Toda nossa segurança virá somente da lei, e não de qualquer outro lugar.*

Essas colocações se tornam mais evidentes quando comparamos 1 e 2. Em 2, a *segurança* não é mais oriunda de uma única instância, pois ela pode vir *da lei e das mãos dos homens*,

ou seja, a *segurança* não se origina *sempre* na mesma fonte. Portanto, *sempre* não necessariamente expressa o sentido de *em todos os momentos*, já que, em 1, a marca em questão assegura o grau de confiança do sujeito na lei, que é posta como a única capaz de garantir a segurança.



Tratando da relação entre tempo e aspecto, Neves (2011, p. 269) expõe que, tradicionalmente, os advérbios que indicam aspecto se abrigam, nas gramáticas, no capítulo dedicado aos advérbios de tempo, afinal o aspecto se acopla à categoria tempo. Assim, conforme a constituição temporal interna, os advérbios alocam componentes de duração (quando intervalos de tempo se estendem) ou de frequência (quando se somam), que representam a semântica temporal (NEVES, 2011, p. 269). Nesse sentido, o "sempre" é posto como um advérbio que expressa frequência, ou melhor, a repetição ou não de momentos, e manifesta o sentido de "contínuas vezes". Exemplo: "A grande empresa está *sempre* pesquisando no sentido de reformar seus planos." (NEVES, 2011, p. 270, grifo nosso).

Na abordagem sobre Advérbios, Rocha e Lopes (2009, p. 207) afirmam que esses elementos podem se realizar sozinhos ou expandidos por outros advérbios; e citam *sempre* em dois enunciados, cada um ilustrando uma das situações abordadas, respectivamente:

(37) *mas **sempre** tem um bom número na reunião.*

(40) *ela... no fundo ela é uma orientadora... porque **quase sempre** ela é procurada pelos alunos.*

Na sequência, as autoras abordam as funções semânticas dos advérbios e, nesse contexto, trazem o *sempre* ao lado das marcas *já, ainda, normalmente, nunca, às vezes*, etc., sendo tratadas como Advérbios Aspectuais, os quais "indicam a frequência com que um evento ocorre; indicam se o evento teve um ponto de culminância ou não, etc." (ROCHA; LOPES, 2009, p. 216). Segundo elas, esses advérbios têm seus efeitos de sentido distintos em função do escopo que o advérbio toma e ocupam, preferencialmente, uma de três posições: a posição 1 (antes do verbo); a posição 2 (entre dois verbos); e a posição 3 (após o verbo). Para ilustrar,

Rocha e Lopes (2009, p. 223) trazem exemplos com o advérbio "ainda", que são:



- a) Pedro **ainda** não tinha visto o filme.
- b) Pedro não tinha **ainda** visto o filme.
- c) Pedro não tinha visto **ainda** o filme.

Aplicando essa noção à marca *sempre*, podemos elaborar alguns exemplos:

- 1. Maria *sempre* gosta de vestir branco.
- 2. Maria gosta *sempre* de vestir branco.
- 3. Maria gosta de vestir *sempre* branco.

Quando deslocamos a marca *sempre* dentro do enunciado, alteramos a unidade com quem *sempre* se enuncia. No enunciado 1, *sempre* recai sobre o evento *gostar*, caracterizando um gosto habitual de Maria. Em 2, *sempre* recai sobre o evento *vestir*, quer dizer, independente de gosto, opiniões, etc., o fato é que *Maria sempre veste branco*. Já em 3, *sempre* recai sobre a cor branca, fazendo uma individualização, pois, entre todas as cores possíveis, Maria usa apenas *branco*. Com isso, compreendemos que o posicionamento da marca *sempre* no enunciado carrega semanticidade assim como a unidade em si também possui semanticidade.

Ademais, Rocha e Lopes (2009, p. 226-227) exploram *sempre* em outro momento, fazendo um paralelo com a negação, a fim de diferenciar o comportamento semântico e sintático da negação em relação aos demais advérbios. Assim, tratam de advérbios que se adjungem a elementos específicos, modificando, por exemplo, a interpretação aspectual de uma sentença. Exemplo:

- a) João comprou castanha no Natal;
- b) João *sempre* comprou castanha no Natal.

Nas palavras das autoras, "a diferença entre (a) e (b) é que o advérbio *sempre* incorpora ao evento de 'João comprar castanha no Natal' uma interpretação de frequência, reiterando o evento (João compra mais do que uma vez, se compra sempre)" (ROCHA; LOPES, 2009, p. 227). Considerando os exemplos dados pelas autoras, é importante ressaltar o valor da unidade verbal em consonância com a marca *sempre*. Em *a*, o verbo *comprou*, no passado, expressa um fato pontual, que ocorreu *no Natal*; não temos, no enunciado, marcas que identifiquem a repetição da compra de castanha nessa data; entendemos que se trata do

último natal localizado em relação ao tempo da enunciação (T_0), sendo possível o enunciado *João comprou castanha no último natal*. Já em *b*, embora o verbo seja o mesmo (*comprou*, no passado), a marca *sempre* imprime sobre o verbo a repetição do acontecimento, isto é, temos um valor habitual, que se repete todo ano, na época do Natal.



Ao tratar dos advérbios, Lima (2011) não menciona o elemento *sempre*, mas o traz como locução conjuntiva na seção das orações adverbiais temporais. O autor exprime que "é papel da oração temporal trazer à cena um acontecimento ocorrido *antes* de outro, *depois* de outro, ou *ao mesmo tempo* que outro (*Quando a morte chegou, encontrou-o em paz com Deus*)". Nessa abordagem, "sempre que" é tida como uma locução que marca "iteração ou repetição periódica". Exemplo: "*Sempre que a vejo, / sinto-me inibido.*" (LIMA, 2011, p. 354, grifos do autor). Diante disso, é válido salientar que o valor de *sempre* não se restringe à repetição/frequência, já que essa unidade pode expressar, entre outros, sentido de afirmação e diversos valores aspectuais, o que varia conforme as unidades com quem *sempre* se enuncia.

78

Bechara (2009, p. 288-291) faz referência a *sempre* como um advérbio que expressa circunstância de tempo, expõe a relação dos advérbios com as preposições e trata do transpositor "que". Entendamos:

Há advérbios de tempo "que marcam melhor sua função ou designação mediante o emprego de uma preposição: [...] [Exemplo:] Eles sempre se apresentam com as promessas *de sempre*" (BECHARA, 2009, p. 288). Nesse ponto da abordagem, queremos chamar atenção para aquilo que o autor classifica como *advérbio de tempo* e tem melhor funcionamento mediante uso de uma preposição, que, no caso do exemplo, trata-se da expressão *de sempre*. Manipulando, podemos trocar *de sempre* por *mesmas*, sem nenhuma alteração de sentido, construindo *Eles sempre se apresentam com as mesmas promessas*. Em termos de classificação gramatical, *mesmas* funciona como adjetivo, já que concorda em gênero e número com o substantivo. Diante disso, não nos convém classificar *de sempre* como um

elemento invariável, tradicionalmente nomeado de Advérbio. Se pensarmos no âmbito da TOPE, que é nosso viés de



interesse, *de sempre* marca uma operação de identificação, pois as promessas apresentadas por X em um *Ta* são as mesmas em um *Tb, Tc, Tn*.

Acerca do transpositor "que", segundo Bechara (2009, p. 288), ocorre que alguns advérbios precedem esse transpositor para marcar a circunstância, formando o que a gramática chama de locuções conjuntivas, sobre as quais Bechara (2009, p. 288) conceitua e exemplifica: "a rigor, trata-se de um grupo de palavras que, por hipotaxe, funciona como conjunção: [...] [Exemplo:] Sabíamos que ele estava errado *sempre que* gaguejava".

Para classificar os advérbios, Bechara (2009, p. 290) ora se baseia em valores léxico-semânticos das unidades e entende os advérbios como denotadores de tempo, lugar, quantidade, etc; ora se pauta em critérios funcionais, em que inclui os demonstrativos, relativos e interrogativos.

Sobre essa classificação, notamos que Giacomozzi, Valério e Reda (2016, p. 212) fazem uma espécie de junção dos dois critérios estabelecidos por Bechara (2009). Quando exploram as circunstâncias expressas pelos advérbios de lugar, modo e tempo, Giacomozzi, Valério e Reda indicam perguntas "orientadoras", que são: "onde?", "como?" e "quando?", respectivamente. Com isso, evidenciamos uma orientação para que os valores léxico-semânticos (lugar, modo e tempo) sejam identificados por critérios funcionais, especificamente interrogativos (onde, como e quando). Esse procedimento de indicar perguntas "orientadoras" é semelhante ao procedimento de Neves (2011), como mostramos e nos posicionamos, entendendo ser um tratamento que enrijece as formas.

Azeredo (2013, p. 194) classifica os advérbios de tempo, quanto ao sentido que expressam, em pequenos subgrupos. Nesse sentido, *sempre* está no subgrupo do *nunca*, expressando uma "polaridade – positiva *versus* negativa – da frequência do fato independentemente de qualquer eixo referencial, isto é, não tem qualquer implicação dêitica ou anafórica" (AZEREDO, 2013, p. 194). Paremos um pouco para pensar sobre essa formulação por meio da seguinte construção: *O amor é para sempre*. Se considerarmos *sempre* em uma relação de polaridade de frequência (positiva *versus* negativa) com *nunca*, somos



levados a fazer uma tentativa de troca das duas marcas a fim de comprovar a oposição de sentidos positivo e negativo. Efetuando essa troca, teremos: *O amor é para nunca*. Ao dizer *o amor é para sempre*, o elemento *sempre* predica uma propriedade ao amor, a propriedade de *ser eterno, infinito*; ou seja, não se trata de *frequência*, como destaca Azeredo (2013), mas de um evento duradouro. Quando se diz *o amor é para nunca*, embora haja um custo enunciativo, apreendemos que não se predica uma propriedade ao amor; na verdade, constrói-se a não-existência do amor. A diferença posta entre os dois enunciados não é o fato de o amor ser duradouro e não ser duradouro; o sujeito enunciador nega a existência do amor em si, firmando-o como algo incapaz de se realizar; ou se posicionando como alguém que evita o amor por toda a vida. Por esse viés, *nunca* constrói o sentido de negação. Assim, identificamos que a troca de elementos (*sempre / nunca*) não constrói uma via direta entre a frequência positiva e a frequência negativa, como se fosse simplesmente retirar um elemento e adicionar o outro.

80

Diante do exposto, evidenciamos que, embora sejam abordagens diferentes, umas mais amplas que outras, as gramáticas se aproximam no jeito de olhar para as marcas: como elementos dados, e não construídos. É como se o funcionamento do léxico se desse da mesma forma que um cálculo, ou seja, faz-se uma pergunta e a resposta é sempre a mesma em uma relação unívoca. Tal posicionamento afasta-se da TOPE, a qual defende que os valores são construídos no e pelo enunciado.

É importante ressaltar que esse levantamento não aponta para uma conclusão sobre o estudo dos nomes tradicionalmente classificados como Advérbio, além de que não seguimos essas abordagens, de cunho tradicional. Nossa investigação está voltada para analisar como o valor aspectual da marca *sempre* é construído nos enunciados. Apresentamos essas abordagens gramaticais com a finalidade de refletirmos acerca das visões já consolidadas em paralelo com outras noções que se tornam visíveis a partir da análise dos observáveis, que serão explorados na seção seguinte.



ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Selecionamos 20 enunciados para análise do valor aspectual da marca *sempre*. Para essas análises, consideramos os parâmetros Sujeito enunciador origem (S_0) e tempo da enunciação de origem (T_0) em relação aos quais sujeito e tempo do enunciado são localizados. Trabalhamos com instantes temporais e, de acordo com a TOPE, consideramos a indissociabilidade entre tempo e aspecto. Para não apresentarmos uma descrição pura dos dados, faremos, à medida do possível, um diálogo entre o que apontam as gramáticas na seção anterior e os casos analisados a seguir.

Vejamos os enunciados:

1. *Estou sempre sonhando com um menino que eu gostava.*
2. *Ele está sempre olhando para mim.*
3. *Eu fico sempre esperando ele voltar.*

Nos enunciados 1, 2 e 3 *sempre* marca um aspecto durativo, responsável por expressar que o acontecimento (*sonhar*, *esperar* e *olhar*) estende-se no tempo em instantes temporais distintos. Se retirarmos a marca *sempre*, é possível termos uma localização temporal pontual. Observemos:

- 1a. *Estou sonhando com um menino que eu gostava.*
- 2a. *Ele está olhando para mim.*
- 3a. *Eu fico esperando ele voltar.*

Em 1a, podemos pensar em uma situação em que X diz para Y: *Você parece longe*, e Y responde: *Estou sonhando com um menino que eu gostava*. Nesse caso, o instante T_1 identifica-se com o T_0 . Em 2a, T_1 é igual a T_0 em uma situação, por exemplo, em que X está em uma festa em que Y se encontra e pronuncia para Z: *Veja, lá está Y, ele está olhando para mim*. Em 3a, a ausência de *sempre* não abre para uma localização temporal como em 1a e 1b, se pensarmos em uma situação em que todos vão sair de uma casa e, de repente, alguém lembra que Y vai chegar e não está com a chave, então X diz *eu fico esperando ele voltar*. Aqui há uma durabilidade no ato de espera; o estado de espera termina, quando Y chegar. Nessa situação não há espaço para a marca *sempre*, pois em 3 *sempre* indica a permanência do estado de espera, seu fechamento está em aberto.



Pensemos o enunciado *Fico sempre esperando ele voltar*, dito por uma mãe diante de uma situação em que um filho foi embora e não mais voltou. Nesse caso, *sempre* marca um estado constante de espera, não há instantes temporais distinguíveis; *sempre* assume um valor genérico. Já em 1 e 2, *sempre* marca um acontecimento que ocorre em diferentes instantes, ou seja, em T_a , T_b , T_n , assumindo um valor iterativo.

Façamos uma manipulação para explorar outro aspecto: *Fico esperando ele voltar sempre*. Realizando o deslocamento da marca *sempre*, alteramos o modo que essa marca enuncia. Esse fato nos remete à discussão de Rocha e Lopes (2009), anteriormente apresentada, de que a posição ocupada pela marca gera efeitos de sentido diferentes. No caso da manipulação proposta, identificamos que *sempre* recai sobre o verbo *voltar* e, com isso, marca um hábito de retorno (*ele vai, mas sempre volta*), construindo um valor iterativo; é a *volta do outro*, logo, a ênfase incide sobre *ele*, e não mais sobre a espera do sujeito. Esse deslocamento que parece "simples" impulsiona uma alteração de valores: ocorre a transformação de um *eu* que se submete a um *estado constante de espera* para um *ele* que integra um *estado constante de retorno*.

4. *Eu sempre fui adepto à cultura de blogs.*

Em 4, *sempre* caracteriza o estado permanente de X em ser adepto à cultura de blogs; o estado de ser adepto é anterior a T_0 . Se excluirmos a marca *sempre* do enunciado, o estado de ser adepto torna-se inexistente (eu fui adepto à cultura de blogs, não sou mais); já a presença de *sempre* produz o sentido de que eu fui e continuo sendo adepto. O início do estado de ser adepto é localizado em um T anterior a T_0 e esse estado de X se estende em caráter permanente. *Sempre* opera sobre um T constante.

5. *Ontem, hoje e sempre: Brasil.*

6. *Sempre te amarei.*

7. *Sempre haverá uma regra jurídica aplicável.*

Em 5, a marca *sempre* opera sobre um T constante, sem localizações de intervalos temporais distintos. *Sempre* marca uma relação constante entre

X e P; X ser sempre Brasil, estar sempre com o Brasil, em qualquer tempo. *Sempre* em articulação com os dêiticos



temporais ontem e hoje caracteriza a ausência de intervalos entre instantes temporais T_a , T_b , T_n . Em **6**, sempre permite que T_1 seja idêntico a T_0 . O sujeito enunciador, ao dizer Sempre te amarei, é como se dissesse eu te amo e continuarei te amando incessantemente. A marca sempre torna indistinguíveis os

instantes temporais, impedindo uma localização temporal:

6a* Sempre te amarei um dia

O que é possível se eliminarmos a marca sempre:

6b. Te amarei um dia

Em **6b**, temos um T_1 posterior a T_0 ; já em **6**, o estado de amor de X por Y é permanente, caracterizado pela marca sempre sem delimitações de instantes temporais. Em **7**, sempre marca a existência permanente de X, de modo que, em qualquer tempo, haverá uma regra jurídica aplicável. Em vista disso, nesse caso, podemos dizer que sempre constrói o sentido de em todos os momentos, como defende Neves (2011). O que não podemos é generalizar, ao passo que a produção desses valores não é prévia, mas sim fruto da relação entre as unidades lexicais no ambiente linguístico.

8. *O amor é para sempre.*

9. *Eu prometo te amar para sempre.*

Em **8**, sempre é localizado em relação ao amor, apresentado como algo eterno, duradouro. Sempre, em interação com a preposição para, está predicando uma propriedade a amor – ser eterno, ser infinito, assumindo um valor qualitativo. Em **9**, sempre qualifica a maneira como o sujeito enunciador promete amar Y: Eu prometo te amar para sempre/Eu prometo de amar eternamente/infinitamente.

Pelo viés da semantacidade, notamos que esse valor qualitativo constrói o que, na perspectiva tradicional, compreende o adjetivo; pois há uma caracterização. Essa evidência já autentica que sempre não pode ser enquadrada em uma classificação previamente estabelecida, como muitas abordagens postulam, que é a de advérbio. Ademais, é importante notar que o valor qualitativo é desencadeado no enunciado pela unidade para, ou melhor, sem a preposição, sempre enunciaria de maneira diferente (em **8**, o amor é sempre X – seria necessário inserir elementos à direita para se dá a estabilização de sentido). De acordo



com Bechara (2009), o emprego da preposição colabora para que um termo expresse melhor sua função. Em termos de TOPE, defendemos que tudo é relacional, isto é, as propriedades dos termos não são adquiridas antes da instauração das relações de um termo com o outro, pois são essas relações que determinam as propriedades.

10. O início do namoro é sempre gostoso.

11. Hoje deixamos a palavra com você cliente, que é sempre a nossa atração principal.

Em 10, sempre atribui uma propriedade a início de namoro; ser gostoso é localizado em relação a início de namoro. Sempre tem ancoragem em gostoso acentuando a permanência dessa propriedade em X, dentro de um intervalo temporal delimitado (início de namoro). A marca sempre assume, nesse caso, um valor aspectual não genérico, mas sim partitivo, voltado para o início do evento. Diante de ocorrências como essa, corroboramos nosso posicionamento defendido na seção anterior ao discutir a abordagem de Neves (2011); é notório que a marca sempre não constrói em todas as situações enunciativas o valor de em todos os momentos.

Em 11, a nossa atração principal é localizada em relação a cliente e sempre marca a inexistência de instantes ou instantes temporais distinguíveis, assumindo um valor genérico. O uso da marca sempre localizada em relação a cliente constrói o sentido de que o cliente é tido como a nossa atração principal em todos os momentos e não só em um T_i que se identifica com um T_0 , mas em um T_a , T_b , T_n . Assim, podemos parafrasear o enunciado da seguinte forma: hoje deixamos a palavra com você cliente, que é a nossa atração principal todos os dias.

12. O coração dispara sempre que o vê.

13. Quando amamos, sempre somos amados.

14. Sempre nos ferimos por amar alguém que não nos dá valor.

Nos enunciados 12, 13 e 14, temos uma relação de localização entre orações:

Em 12, sempre que o vê é o localizador de o coração dispara; em 13, quando amamos é o localizador de sempre somos amados;



em 14, amar alguém que não nos dá valor é o localizador de sempre nos ferimos.

Em 12, sempre indica instantes distintos em que X vê Y, podendo ser substituído pela expressão toda vez: Toda vez que o vê, o coração dispara. Esses instantes distintos acentuam o valor iterativo de sempre e, em razão da relação de causa e consequência, temos também um valor iterativo em dispara.

Já em 13 e 14, sempre não marca instantes distintos, ele indica a habitualidade de uma consequência: amar alguém tem como consequência sermos amados; amar alguém que não nos dá valor, tem como consequência nos ferirmos. Não há instantes distinguíveis, sempre assume um valor genérico.

15. É sempre bom admirar uma peça teatral.

Em 15, *sempre* recai sobre a modalidade avaliativa *é bom* que incide sobre a relação prediativa *admirar uma peça teatral*. Não há instantes temporais; *sempre* ressalta o caráter permanente da positividade em se admirar uma peça teatral. Em qualquer T_0 , o sujeito enunciador valida essa positividade.

16. A autoestima necessita sempre de elogios

17. É necessário ser sincero sempre

18. Use sempre maquiagem.

19. Vá sempre a festas e reuniões.

20. Mantenha o cabelo sempre bonito.

Em 16, *sempre* tem como ancoragem uma modalidade deôntica no sentido de que o sujeito enunciador indica uma orientação para um possível comportamento do sujeito co-enunciador no que diz respeito a preocupar-se em elogiar o outro, considerando que a autoestima necessita de elogios. Em 17, *sempre* assume um valor genérico, ser sincero em qualquer situação, ou seja, não há instantes temporais distinguíveis para ser sincero.

Em 18 e 19, *sempre* também tem como ancoragem uma modalidade deôntica e indica a frequência, se validada, do objeto de orientação. Assim, em 18, *sempre* articulado à semanticidade de *usar*, que tem um valor discreto, indica que o uso da maquiagem deve ocorrer em instantes distintos; a ação deve ter caráter iterativo. O

mesmo ocorre em 19, em que *vá* tem um valor discreto e *sempre* indica que a ida a festas e reuniões deve ocorrer em diferentes instantes, com frequência. Já em 20, a semanticidade do verbo *manter* tem um caráter de permanência, o que contribui para que *sempre* não marque instantes distinguíveis, se validada a orientação *Mantenha o cabelo sempre bonito*.



Mediante a análise desses enunciados, é cada vez mais perceptível que explorar uma unidade lexical exige que nós, enquanto linguistas, examinemos a interação dessa unidade no seu ambiente sintático, semântico e enunciativo. Dizendo de outro modo, analisar a marca *sempre* pressupõe um olhar para outras classes gramaticais e categorias linguísticas que fazem parte de seu ambiente textual. Por isso acreditamos que estudar uma unidade do ponto de vista linguístico parte do ato de enxergar que todos esses elementos estão imbricados em um enunciado colaborando mutuamente para a construção de sentido de uma dada unidade.

86

Extraímos dos enunciados analisados as seguintes conclusões relativas ao funcionamento da marca *sempre*:

- 1) *Sempre* indica instantes distintos distinguíveis ou indistinguíveis localizados em ações realizadas pelo Sujeito Enunciador (SE) ou por X e em processos ou estados vivenciados pelo SE ou por X;
- 2) *Sempre* indica o caráter permanente de uma propriedade atribuída a X sem descontinuidade temporal ou com descontinuidade temporal, em função de uma delimitação temporal de X;
- 3) *Sempre* indica instantes temporais distintos ou uma localização temporal em que um acontecimento B é consequência de um acontecimento A;
- 4) *Sempre* indica instantes temporais distintos ou contínuos em função de uma orientação validada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS



Por meio deste estudo, compreendemos que a marca *sempre* pode indicar diferentes instantes temporais, caráter permanente ou não permanente de uma propriedade atribuída, agir como qualificador, entre outros valores, tendo em vista que esses valores dependem da relação de localização que *sempre* estabelece com as demais unidades do enunciado. É por meio desse “colocar os elementos em relação” dentro do cotexto que visualizamos que a marca *sempre* não se limita à abordagem das gramáticas, já que ela pode construir inúmeros valores, inclusive diferentes valores aspectuais; e é somente por meio dessa interação que as unidades podem produzir sentido, pois uma unidade, sozinha, não é responsável pelo seu valor.

Diante disso, é necessário que façamos uma reflexão de natureza enunciativa que não priorize uma classificação preestabelecida de elementos gramaticais, mas que pense esses elementos a partir de uma articulação entre o léxico e a gramática, dentro de um processo de construção de valores, sem espaço para uma limitação da potencialidade dessas marcas.

REFERÊNCIAS

AZEREDO, J. C. *Gramática Houaiss da Língua Portuguesa*. São Paulo: Publifolha, 2013.

BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. 37 ed. rev., ampl. e atual. conforme o novo Acordo Ortográfico. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BENVENISTE, É. *Problemas de linguística geral II*. Tradução de Eduardo Guimarães. et al. 2ª edição. Campinas, SP: Pontes Editores, 2006.

CAMPOS, M. H. C. *Tempo, Aspecto e Modalidade: Estudos de Linguística Portuguesa*. Portugal: Porto Editora, 1997.

CASTILHO, A. T. *Introdução ao estudo do aspecto verbal na língua portuguesa*. Marília, 1968.

CORÔA, M. L. M. S. *O tempo nos verbos do português: uma introdução à sua interpretação semântica*. São Paulo: Parábola, 2005.

CORPUS DO PORTUGUÊS. Disponível em: <<https://www.corpusdoportugues.org/xp.asp?c=3>>. Acesso em: 15 jun. 2020.

CULIOLI, A. *Pour une linguistique de l'énonciation: Opérations et représentations – Tome 1*. Paris: Éditions Ophrys, 1990.

GIACOMOZZI, G.; VALÉRIO, G.; REDA, C. M. *Descobrendo a gramática*: volume único. 1. ed. São Paulo: FTD, 2016.

LIMA, R. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 49. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011.

NEVES, M. H. de M. *Gramática de usos do português*. 2ª ed. atualizada conforme o novo acordo ortográfico da língua portuguesa. São Paulo: editora Unesp, 2011.

PERINI, M. A. *Gramática descritiva do português*. 4. ed. São Paulo: Ática, 2005.

ROCHA, M. A. F.; LOPES, R. E. V. Adjunção. In: CASTILHO, A. T. *Gramática do português culto falado no Brasil*. Vol. 3. KATO, M. A.; NASCIMENTO, M. (Org.) Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2009. p. 189-236.

VARGAS, M. V. *Verbo e práticas discursivas*. São Paulo: Contexto, 2011.



Recebido em 04 de novembro de 2020.

Aprovado em de 15 dezembro de 2020.

88

THE CONSTRUCTION OF ASPECTUAL VALUE ON THE WORD "ALWAYS" UNDER THE FOCUS OF THE THEORY OF PREDICATIVE AND ENUNCIATIVE OPERATIONS

Abstract: There is a strong tradition of grammatical studies which, when referring to the word always, classifies this element as an adverb of time that, normally, expresses a generic value, with the sense of all the time, and it does not address the aspectual value. If like this will classified, what can you say about the cases in which this word expresses the idea of frequency or affirmation, for example? Therefore, started to reflect on two questions: what is the grammars approach to the word always? What is the contribution of always in the process of construction of reference values? In order to answer these questions, propose to investigate how the grammars conceive the word always and to analyze its aspectual functioning in Portuguese utterances, based on the Theory of Predicative and Enunciative Operations, in Portuguese, TOPE. For this, investigated how the word always is addressed in seven grammars of the Portuguese language and then

analyzed twenty utterances, collected from the corpus of Portuguese and Google. The results showed us that the word always can indicate different temporal instants, permanent or non-permanent



characteristics of an assigned property, act as a qualifier, among other values, considering that these values depend on the relation of location that always establishes with the other units of the utterance.

Keywords: Always; Temporal aspect values; TOPE.

ⁱ O Corpus do Português é uma base de dados com cerca de um bilhão de palavras de páginas da web de quatro países de língua portuguesa (Brasil, Portugal, Angola e Moçambique), que permite analisar o Português mais recente (os textos foram recolhidos entre 2013-14) e até comparar os diferentes dialetos.

ⁱⁱ No original: avec S, on distinguera énonciateur et locuteur; avec T, on travaille sur l'espace-temps, et, en particulier, sur la classe ordonnée des instants.